

47

# JUCA E CHICO



HISTORIA DE DOIS MENINOS

EM

SETE TRAVESSURAS

POR

W. BUSCH

Versos de FANTASIO

Quarta Edição



LIVRARIA FRANCISCO ALVES  
RUA DO OUVIDOR 166 — RIO DE JANEIRO

FILIAES

RUA DE S. BENTO 65  
S. PAULO

RUA DA BAHIA Nº. 1055  
BELLO HORIZONTE

—  
1 9 1 1

---

Todos os direitos reservados.

---

20495D  
1946



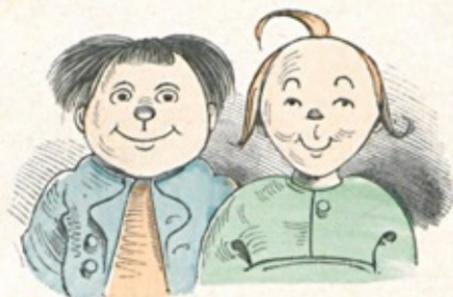
I 200,6,17

087.1  
13977.4  
1911

## Prologo

---

Não têm conta as aventuras,  
As peças, as travessuras  
Dos meninos malcriados . . .  
— Destes dois endiabrados,



Um é o Chico; o outro é o Juca:  
Põem toda a gente maluca,  
Não querem ouvir conselhos  
Estes travessos fedelhos!  
— Certo é que, para a maldade,  
Nunca faz falta a vontade . . .  
Andar pela rua á tôa,  
Caçoar de uma pessoa,  
Dar nos bichos, roubar fructas,  
Armar brigas e disputas,  
Rir dos homens respeitaveis,  
São cousas mais agradaveis,  
Que ir á escola ou ouvir missa . . .  
Antes a troça e a preguiça!  
— Mas nem sempre a vadição  
Acaba sem punição . . .  
Lêde esta historia: e, depois,  
Vereis a sorte dos dois.

---

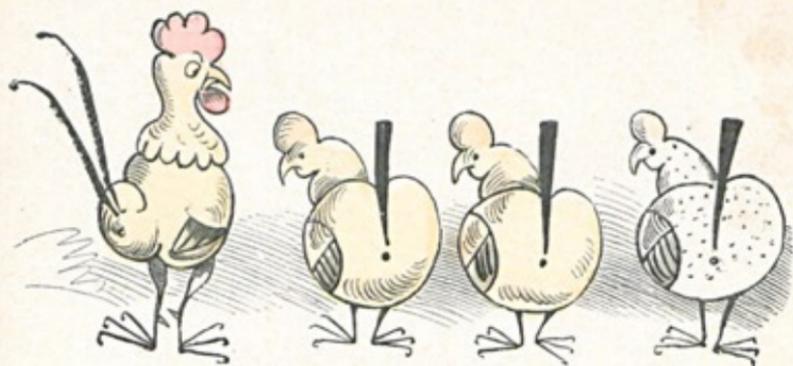
## Primeira travessura

---

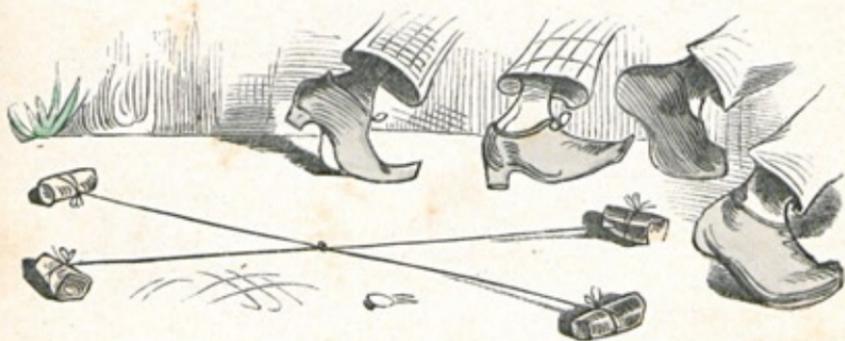
Todos gostam, afinal,  
De ter aves no quintal:  
As galinhas, bem nutridas,  
Põe ovos; quando cozidas  
Ou assadas, no jantar,  
São gratas ao paladar;  
E as suas pennas, catadas,  
Servem p'ra encher almofadas  
Em cujo macio encosto  
A gente dorme com gosto . . .



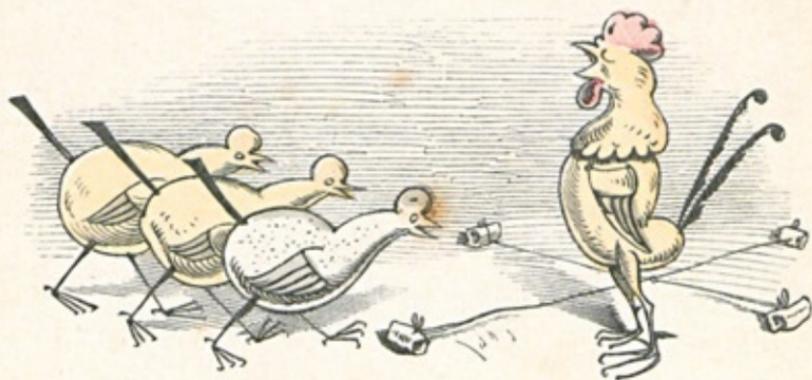
Aqui está a viuva Chaves,  
Que também gostava de aves:



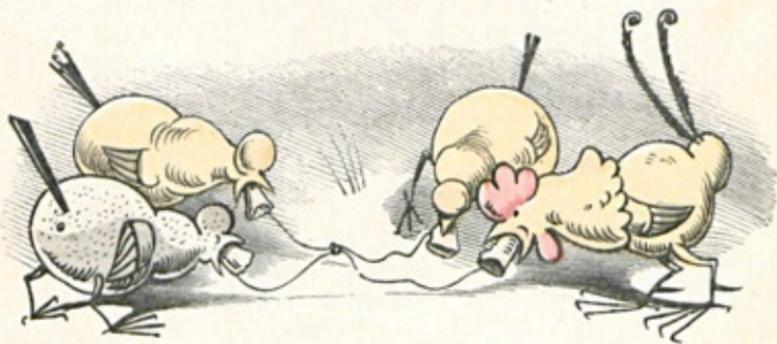
Gallinhas tinha ella tres,  
 E um bello gallo francez. —  
 Ora, ao Juca, e ao Chico, um dia  
 Occorre uma estrepolia.  
 — Que fazem os dois madraços?  
 Amarram quatro pedaços  
 De pão, nas pontas distantes  
 De dois solidos barbantes,



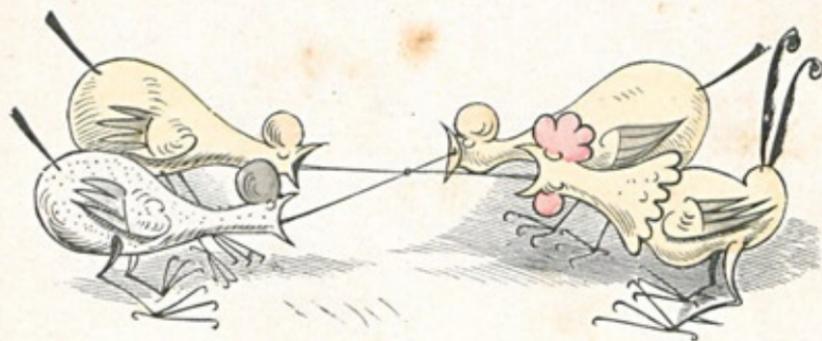
E ao vir a noite, ao sol posto,  
 Deixam tudo isso, disposto  
 Em cruz, defronte das aves,  
 No quintal da viuva Chaves.



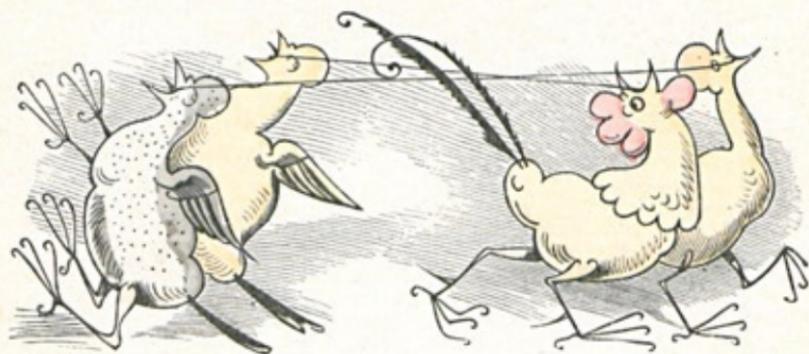
O gallo, rei do quintal,  
 — Cócórocó — dá signal:  
 Depressa, cacarejando,  
 Vêm as gallinhas em bando . . .



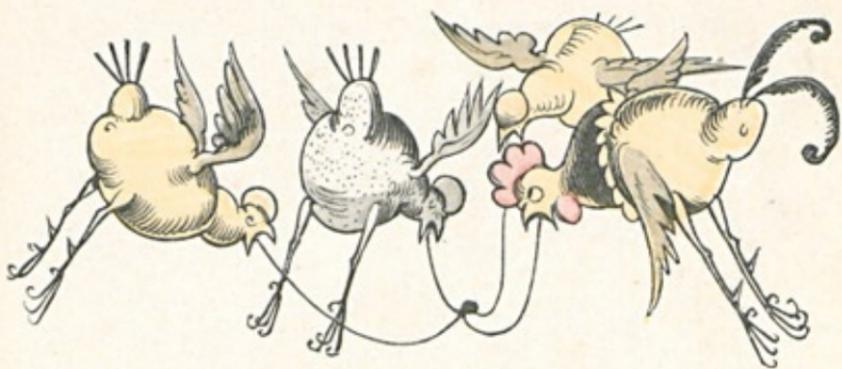
E os quatro, sem reflexão,  
 Comem as iscas de pão!



E' tarde p'ra reflectir . . .  
Puxam . . . não podem sahir,  
Coitadinhos, do lugar!



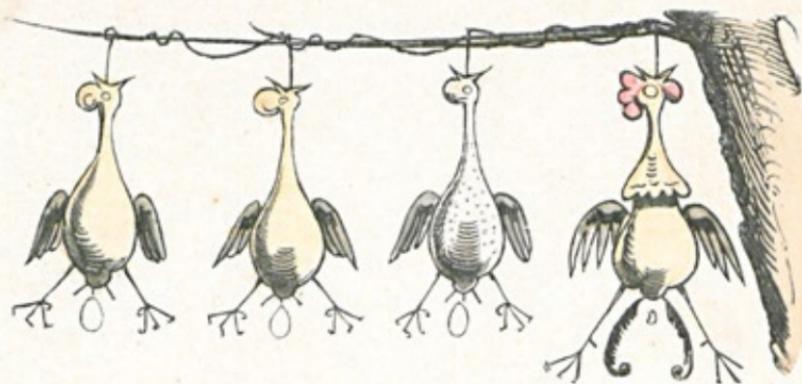
Toca a puxar, a puxar . . .  
Porém, quanto mais trabalham,  
Mais penam, mais se atrapalham.



Até que, desesperados,  
 Vôam, e ficam pegados  
 A um galho secco. Que horror!



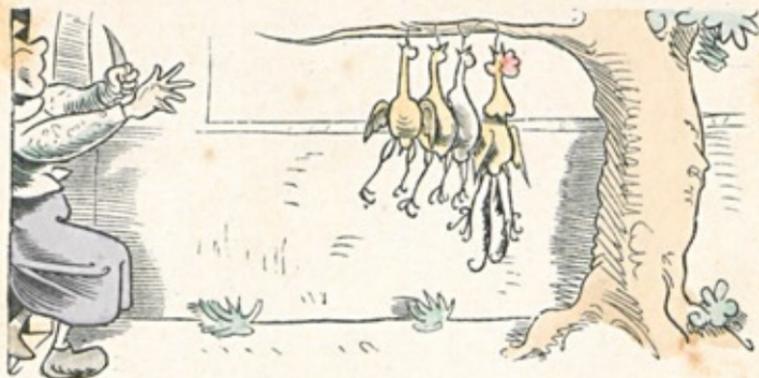
Perdem as forças e a cor;  
 Ficam roucos; fazem só.  
 Quasi sem voz: quá... quá... quá...



E cada um d'elles, depressa,  
Na agonia que começa,  
Põe um ovo ainda ao vento,  
E exhala o ultimo alento!



Mas a viuva, que dormia,  
Ouve os gritos de agonia:



Que presentimento! Sáe...  
Chega ao quintal... E diz: « Ai!



« Ai! que amargura! que espanto!  
« Corre dos olhos, meu pranto!  
« A esperança mais querida,  
« Mais bella da minha vida,  
« Eu vejo, como um bugalho,  
« Pendente d'aquelle galho! »



Afflicta a pobre senhora  
 Arranca os cabelos, chora...  
 E, por fim, as cordas corta,  
 Para que a familia morta  
 Não fique dansando ao vento,  
 N'aquelle aborrecimento!



— Foi a primeira dos dois...  
 Houve outra logo depois.

## Segunda travessura

Custou... mas enfim á alma  
 Da viuva voltou a calma.  
 Põe-se a pensar, commovida:  
 — « Não posso mais dar a vida  
 Aos defuntos que tão cedo  
 Se foram d'este degredo...  
 Que ao menos possam, assados,  
 No estomago sepultados,  
 Descansar de tanta magua! »  
 — E enchem-se-lhe os olhos d'agua,  
 Vendo no fogão, sem pennas,  
 Aquellas aves serenas,  
 Aquelles entes que, outr'ora,  
 Da vida ainda na aurora,  
 Ciscavam com ar jovial  
 No jardim e no quintal!

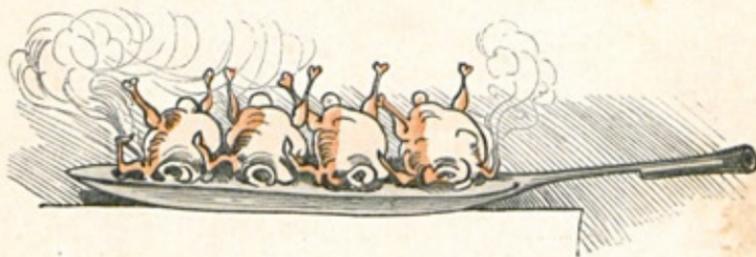


Chora a viuva com dó...  
 E assiste a tudo o Tótó.

Mas o Juca, lambareiro,  
 Diz ao Chico: « Companheiro!  
 'Stá cheirando a frango assado...  
 Subamos para o telhado! »



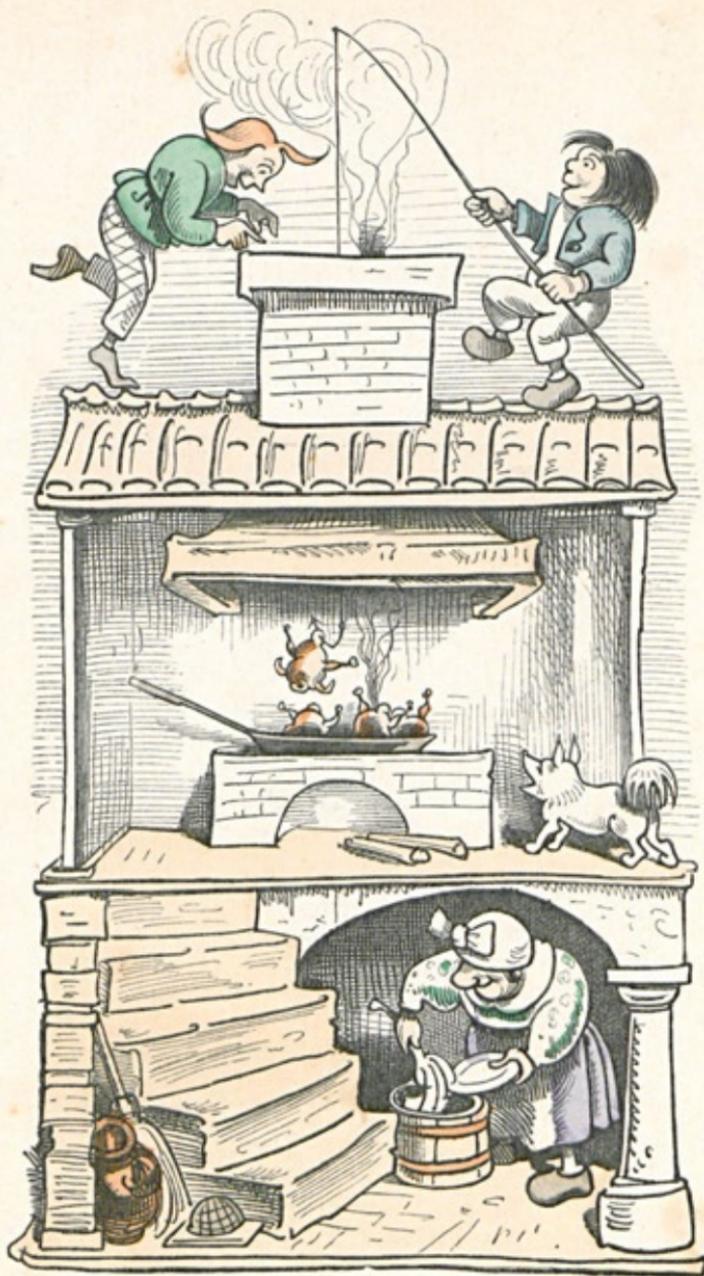
E sobem pé ante pé,  
 E olham pela chaminé,  
 E vêem lá embaixo as gallinhas  
 Sem pescoço, coitadinhas,  
 Chiando na caçarola...  
 E que bom cheiro se evola!



Ora, com um prato na mão,  
Desce a viuva ao porão.



Vae-se embora; e, sem cautela,  
Deixa no fogo a panella.  
Junto ao fogão, fica só  
O vigilante Tótó.  
Se ella visse que perigo!...  
— Não se descuida o inimigo:  
O Chico, que o prato cheira,  
Tira um anzol da algibeira.



E zás! na ponta da linha,  
Vem a primeira gallinha...

E desce o anzol outra vez...  
 Cá estão duas! cá estão tres!  
 Cá está o gallo! — E enquanto isso,  
 N'um susto, n'um reboiço,  
 N'um presentimento máu,  
 Ladrava o cão: áu! áu! áu!



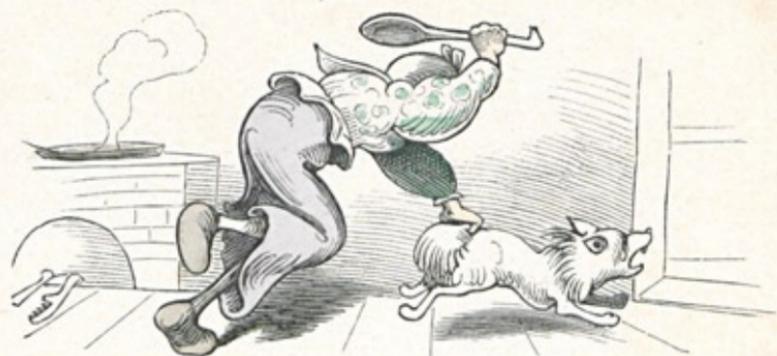
Mas, o crime consummado,  
 Já velozes, do telhado,  
 Desce o Juca, o Chico desce,  
 E vão-se, antes que comece  
 A grita da cosinheira,  
 Que volta alegre e lampeira,  
 E fica pallida e fria  
 Vendo a panella vasia:



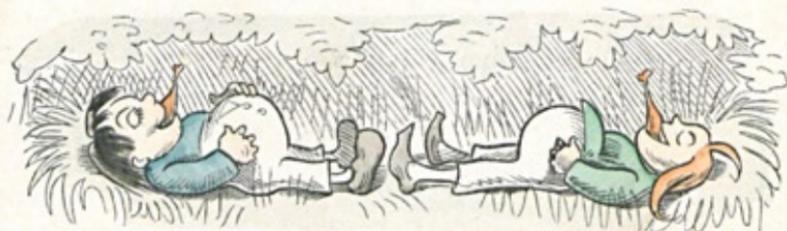
Vasia!... Foram-se as aves!...  
« Totó! » — diz a viuva Chaves —



« Ladrão! de ti vou dar cabo!  
Espera, cão do diabo! »



E, com a colher de páu,  
 Sóva o cachorro... « Áu! áu! áu! »  
 Grita elle, como o hollandez,  
 Pagando o mal que não fez.



E os culpados da acção feia  
 Dormindo, com a pança cheia,  
 — Tão cheia que se relaxa,  
 Tão cheia que quasi racha!...

Foi a segunda dos dois...  
 Houve outra logo depois:

## Terceira travessura

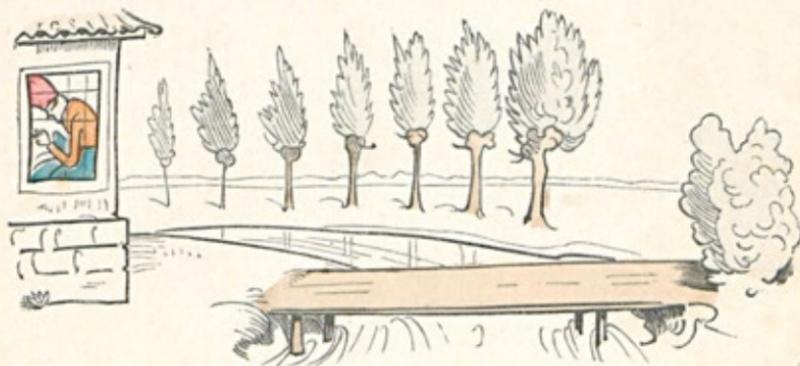
---

Havia um homem na aldeia,  
Alfaiate de mão-cheia.



Jaquetas para o serviço,  
Fraques de bolso postiço,  
Calças, roupas domingueiras,  
Colletes com algibeiras,  
Paletós saccos de alpaca,  
Rabona ou sobrecasaca,  
Blusa, capa, sobretudo,  
Casaca de rabo, — tudo  
Sabia fazer com arte  
O alfaiate Braz Duarte.  
Roupas velhas concertava,  
Diminuia, alargava;  
Se aparecia um rasgão,  
Ou se cahia um botão  
De diante ou de detraz,  
Vinha com a agulha o Braz,  
Enfiava-a, dava um ponto,  
Dava uma laçada e... prompto!

De sua casa defronte,  
 Havia um rio: uma ponte  
 De taboas o atravessava.  
 A água espumava... estrondava...



O Chico e o Juca engendraram  
 Nova maldade: serraram



Raque... raque... a ponte estreita,  
 E foram se pôr á espreita.

Depois, n'uma gritaria:  
« Cosedor de fancaria!



« Sae, alfaiate caipora!  
« Cara de bode! p'ra fóra  
« Mé! mé! mé! » — Ora o coitado,  
Que tudo soffre calado,  
Apenas soffrer não póde  
Que o chamem cara de bode...



Empunha o covado... A' ponte  
Voa, escutando defronte,  
Os dois, de uma moita ao pé:  
« Cara de bode! mé! mé! »



Chega á ponte. Mas... traráque!  
Quebra-se a taboa. Que baque!



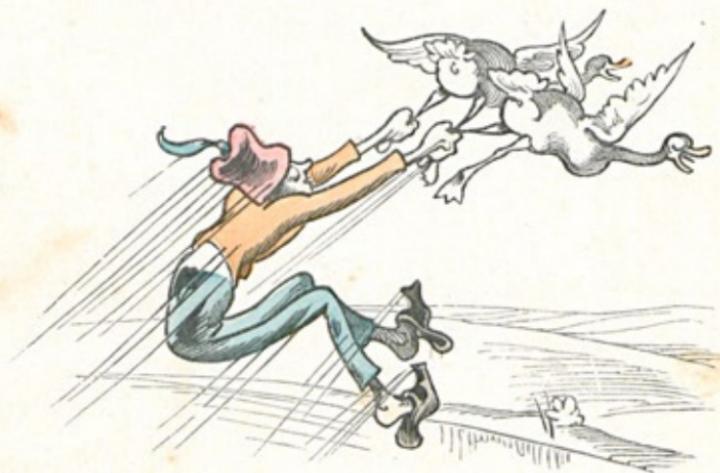
E os dois: « mé! mé! mé! » e Braz  
Bumba! n'agua... Catapraz!



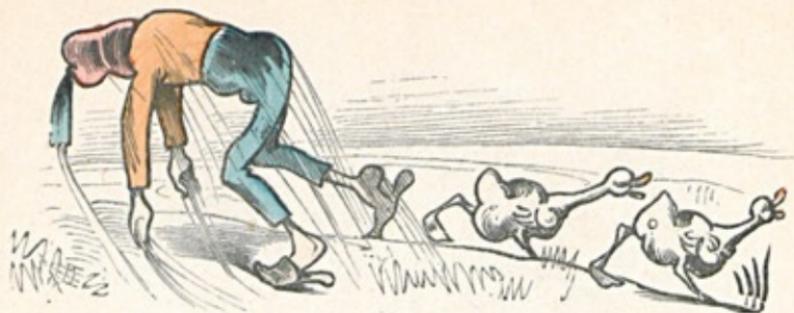
Eis justamente que um par  
De gansos vêm a nadar...



O Braz, p'ra não ir á garra,  
Às pernas d'elles se agarra,  
Às pernas d'elles se aferra,



E vae voando p'ra a terra.



Mas viajar d'essa maneira,  
Não podem que é brincadeira...



O pobre do Braz que o diga:  
Que horrenda dor de barriga!



Porém, por felicidade,  
 Tinha grande habilidade  
 A esposa de mestre Braz:  
 Pegou do ferro, e zás-tráz!  
 Deu-lhe uma engominação forte,  
 E o Braz escapou da morte.



Foi a terceira dos dois...  
 Houve outra logo depois:

## Quarta travessura

Na vida, para homem ser,  
Não basta aprender a ler:  
Porque também é preciso,  
Além do *abc*, o juízo,  
Não basta saber sommar,  
Dividir, multiplicar:  
Para ter calma e medida,  
E andar com geito na vida,  
Também é preciso, penso,  
Tomar lições de bom senso...



Para isto, existe na aldeia  
O senhor Mestre Gouveia,  
Que, além de mestre escolar,  
E' sacristão do lugar:  
— Mas os nossos dois vadios  
De todo o estudo arredios,  
Sempre preferem á escola  
A travessura e a graçola

Só tinha um vício o Gouveia.  
 Mas não era cousa feia:  
 Era o cachimbo. Accendia,  
 Depois do labor do dia,  
 Não um modesto cigarro,  
 Mas um cachimbo de barro,  
 E tinha sonhos affaveis...  
 — Chico e Juca, infatigaveis  
 Na sua perversidade,  
 Armaram nova maldade.



N'um domingo, o sacristão  
 Estava, por devoção  
 Á missa, na igreja calma,  
 Tocando o orgão com alma...

Os dois, que não perdem vasa,  
Vão do mestre-escola á casa.



Segura o cachimbo o Chico;  
E dentro do traste rico  
O Juca, bicho damninho,  
De um pesado polvarinho,  
Toda a polvora despeja...  
— Badala o sino da igreja.  
Agora, tóca a fugir,  
Que o mestre não tarda a vir!



Na igreja, a missa findara.  
Gouveia a porta fechara,

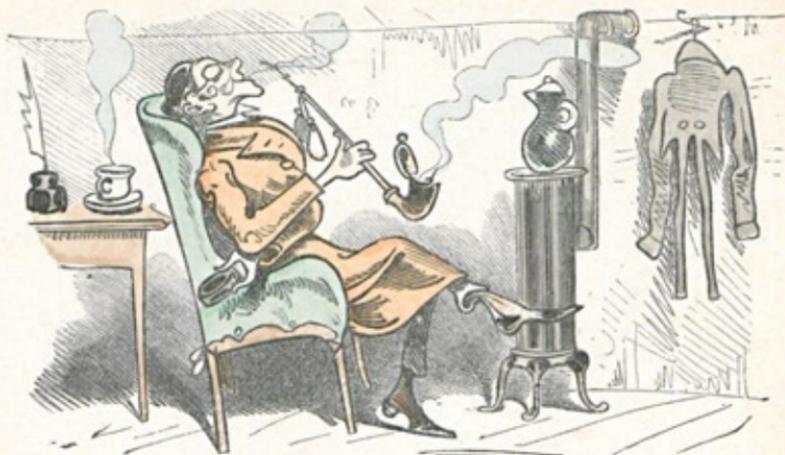
E vinha, com modos graves,  
Com as luvas, o livro, e as chaves.



Chegou. A roupa mudou,  
Da prateleira tirou



O seu cachimbo adorado,  
E disse, refastelado:



« N'este mundo não ha nada  
Melhor que uma cachimbada! »



Bum! com medonho estampido  
Vôa o cachimbo partido!  
Copo, mesa, cafeteira,  
Tinteiro, fogão, cadeira,  
Roupas, livros escolares,  
Vae-se tudo pelos ares!



Ao dissipar-se a fumaça,  
 É que se vê a desgraça...  
 Vive o sacristão, coitado!  
 Mas santo Deus, em que estado!



Queimada pela raiz  
 A cabelleira; o nariz,  
 A bocca, o queixo pontudo,  
 Olhos, dedos, mãos, e tudo,  
 Tudo assado, tudo fusco,  
 Tudo cheirando a chamusco!

Quem agora, ó Providencia,  
Ha de servir á Sciencia?  
Quem ha de, na igreja calma,  
O grande orgão com alma  
Durante a missa tocar,  
E o *Te-deum* acompanhar?  
E como é que ha de o Gouveia  
Cachimbar depois da ceia,  
Se o pobre cachimbo seu  
Já foi cachimbo, e... morreu?!



Foi essa a quarta dos dois...  
Houve outra logo depois:

---

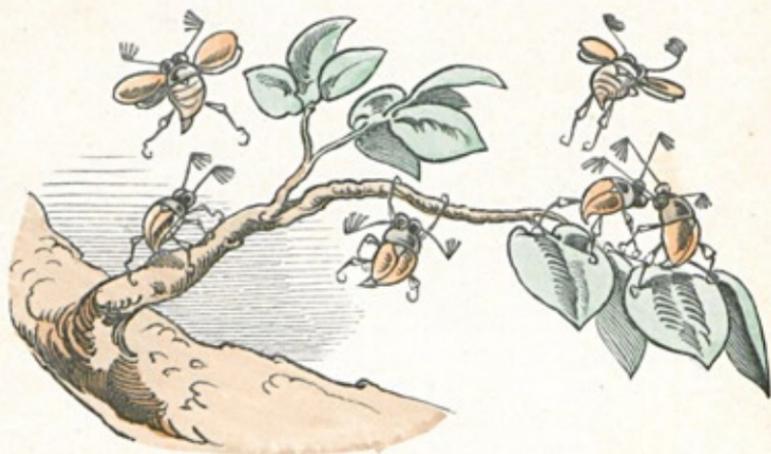
## Quinta travessura

---

Meninos! quem tem um tio  
 (Eu já tive um e perdi-o!)  
 Deve trazel-o amimado,  
 E ter com elle cuidado,  
 E estar sempre ao seu serviço,  
 Porque os tios gostam d'isso.  
 — De manhã, deve saudal-o,  
 Dar-lhe *bom dia*, abraçal-o,  
 Pedir-lhe as ordens, e logo  
 Trazer-lhe o cigarro, o fogo,  
 O chocolate, os jornaes,  
 O leite, o café, e o mais.  
 — Quando elle nas costas sente  
 A comichão inclemente,  
 Deve coçal-o o sobrinho,  
 E esfregal-o com carinho,  
 E aturar-lhe toda a birra;  
 E dizer, quando elle espirra:  
*Dominus-tecum!* — Emfim,  
 Ao tio, assim como assim,  
 Custe lá o que custar,  
 Deve o sobrinho agradar.

Nem todos sabem, porém,  
 Preferir ao mal o bem:  
 Armaram-se o Juca e o Chico  
 Contra o tio Frederico.

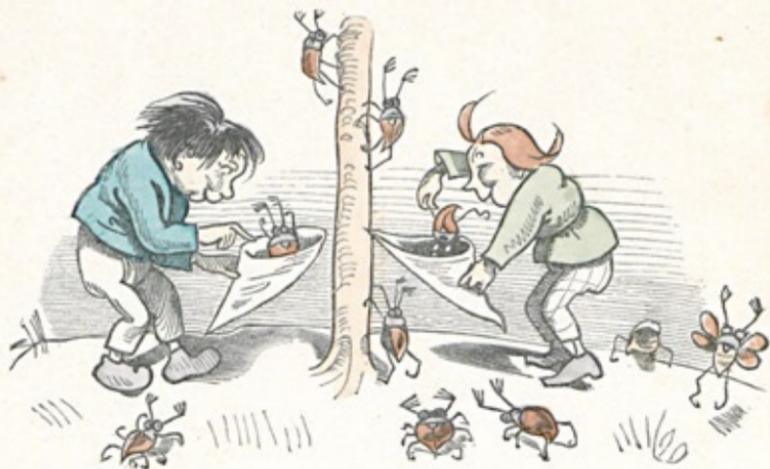
Sabeis que o besouro é insecto  
 Que sempre, esperto e inquieto,  
 Pelas arvores, á tôa,  
 Corre, anda, vôa e revôa...



Os dois patifes, um dia,  
 Vão á horta: a ramaria



De uma mangueira sacodem,  
 E quantos besouros podem

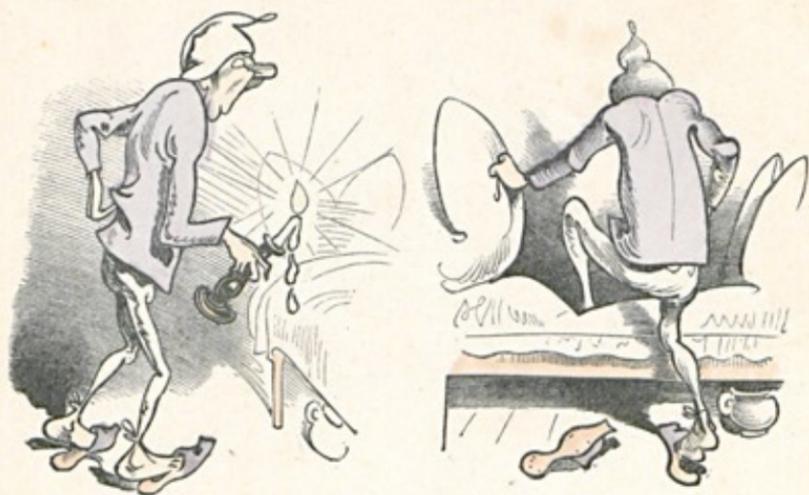


Apanham dos mais gorduchos,  
Mettendo-os em dois cartuchos;

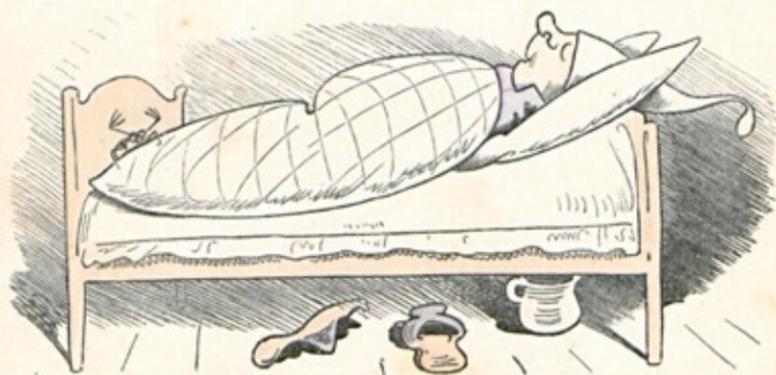


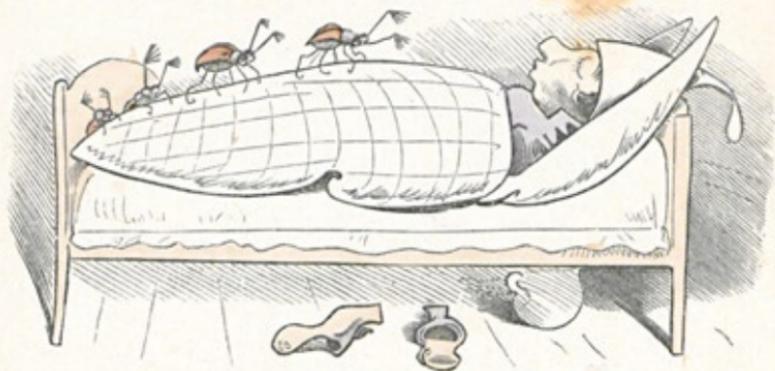
E vão — que lembrança aquella!  
Escondel-os com cautela  
Sob o lençol alvadio  
Da cama do pobre tio.

KOYS D  
1946



Ahi chega da cama o dono,  
 Tonto, cahindo de somno;  
 Sopra a vela bocejando,  
 E, a carapuça enfiando,  
 Accommoda-se á vontade,  
 E dorme como um abbade...

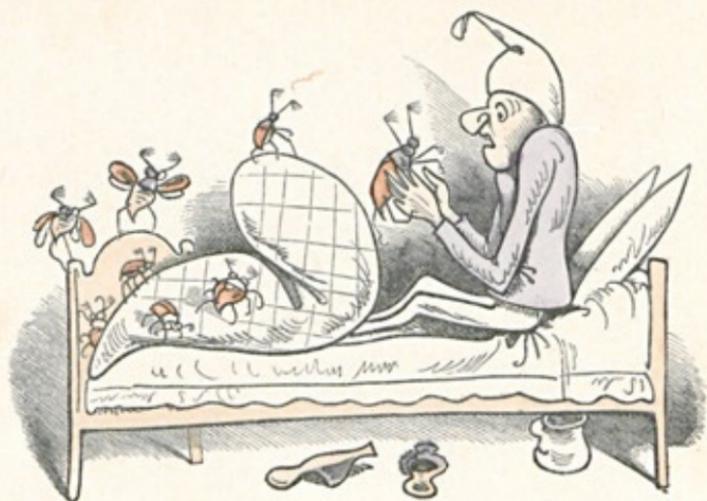




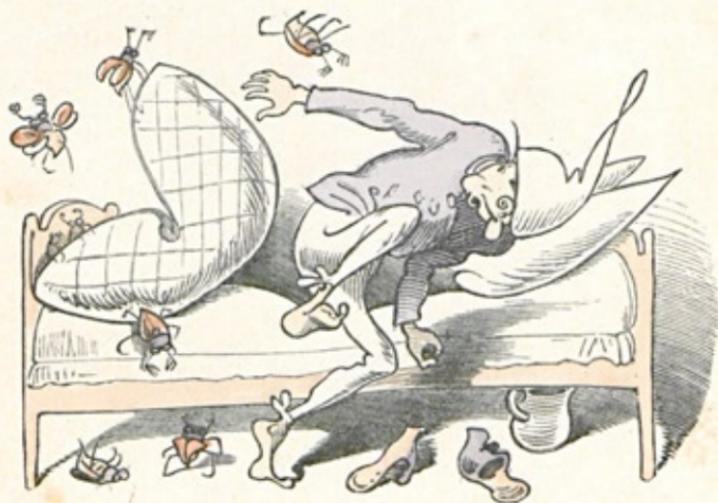
Mas, zim! zum!... que multidão  
 De insectos sae do colchão,  
 Um a um, com passo incerto!  
 — Um delles, agil e esperto,



Chega á cara do infeliz,  
 Bem na ponta do nariz...



« Irra! que é isto?! » — acordado,  
Grita o tio horrorizado.



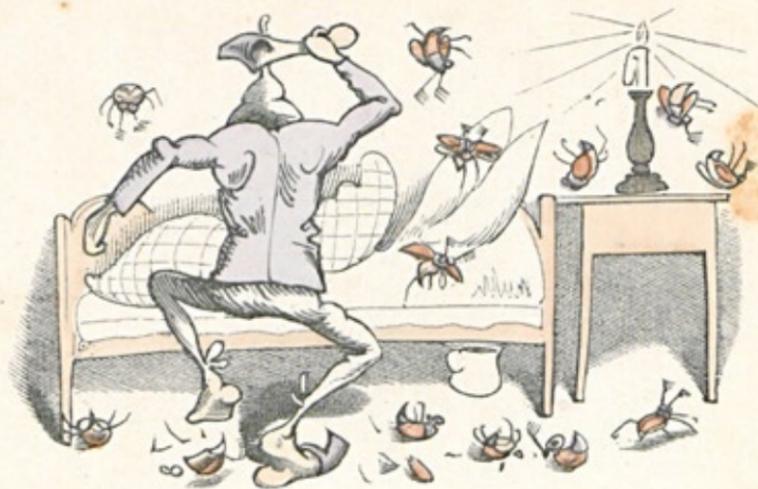
Pega o bicho, e dá um salto  
Da cama, num sobresalto...



« Ai! ai! » E começa a guerra:  
Um bicho as pernas lhe ferra,  
Um por baixo, outro por cima!



E elle grita e se lastima,  
De besourós atacado  
Por um e por outro lado.



Tambem, quanto assassinato!  
Que estrago! que desbarato!



Pula o tio, sapateia,  
Dá de braços, esperneia.  
Fica o chão ensanguentado,  
De cadaveres juncado:



E o vencedor desse povo... | Foi essa a quinta dos dois...  
 Pega no somno de novo. | Houve outra logo depois:

---

### Sexta travessura

---

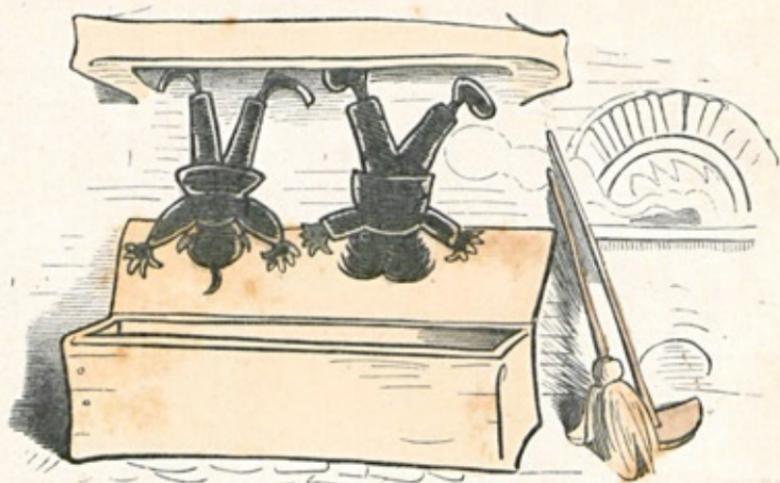
Chegou a Semana Santa.  
 Ha tanta encommenda, tanta  
 Que andam tontos e ligeiros  
 Padeiros e confeiteiros...



E o Juca e o Chico namoram  
Os doces, e quasi choram.  
Mas, como entrar, se, matreiro,  
Fechára a porta o padeiro?



Só ha um meio. Qual é?  
Entrar pela chaminé!



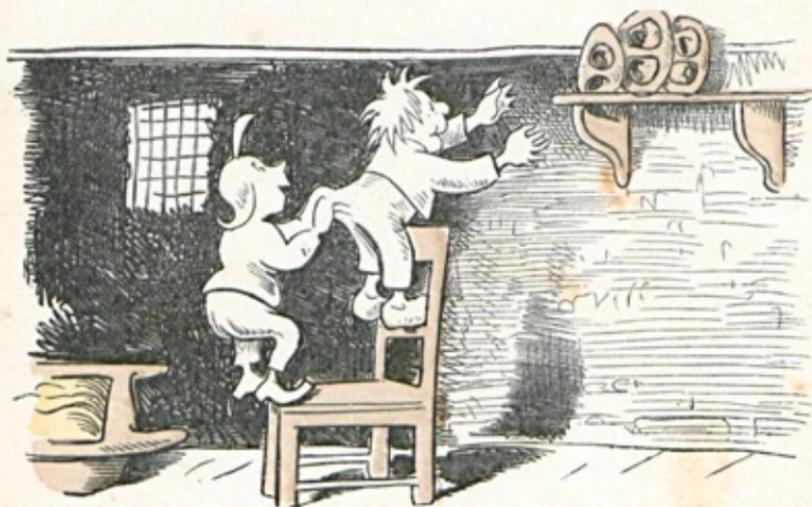
Tudo depende de geito...  
 E, prompto! foi dito e feito!  
 Vêm os dois num trambolhão,  
 Mais pretos do que carvão.



Mas, paf! — ó sorte mesquinha!  
 Caem dentro da farinha.



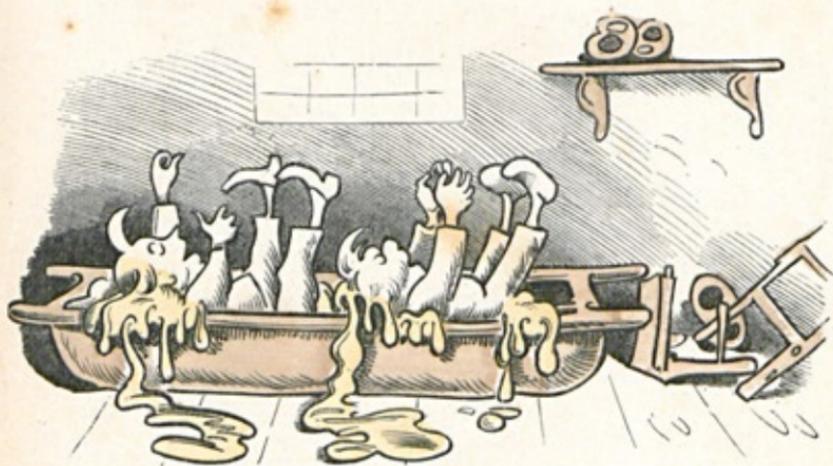
E eis-os, dos pés ao nariz  
 Todos brancos como giz,



Atirando-se gulosos  
 Aos biscoitos saborosos.



Zás-tráz! parte-se a cadeira!  
Vem a penca lambareira,



Por cumulo da desgraça,  
Mergulhar dentro da massa!



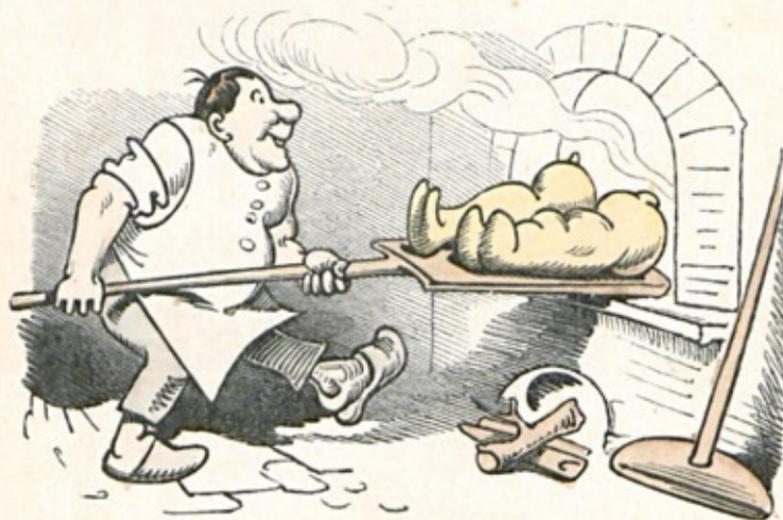
Vejam só que cataplasmas!  
Até parecem fantasmas!



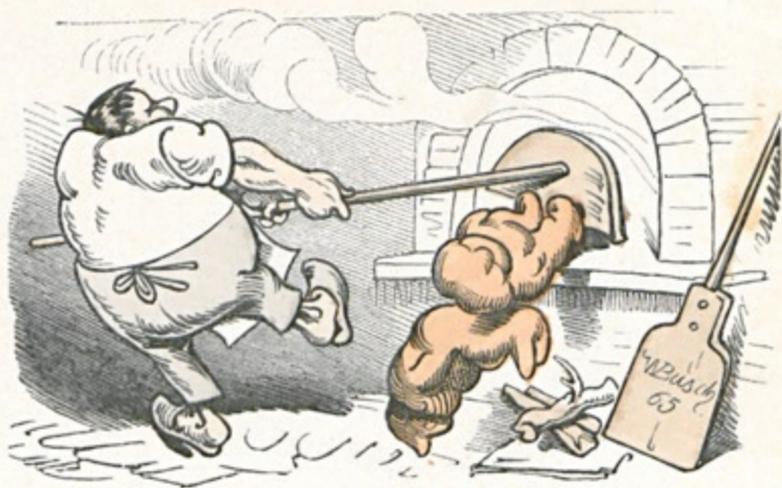
E entra o padeiro... É agora!  
Sou a ultima hora!



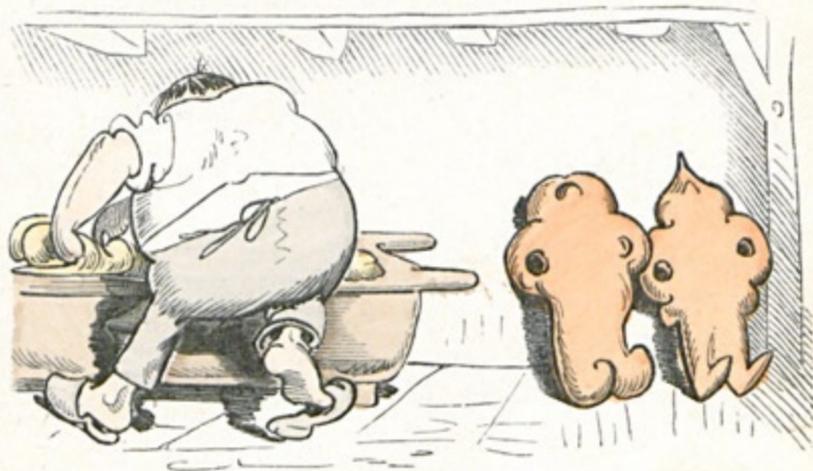
E como que por encanto  
Transformam-se em pães, — enquanto  
O Diabo esfrega um olho, —  
Um pimpolho e outro pimpolho.



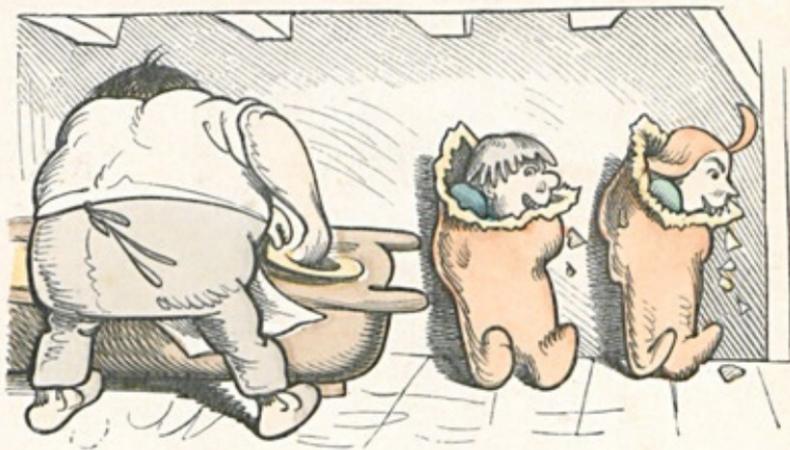
Eia! ao forno para assar!  
Ninguém os póde salvar...



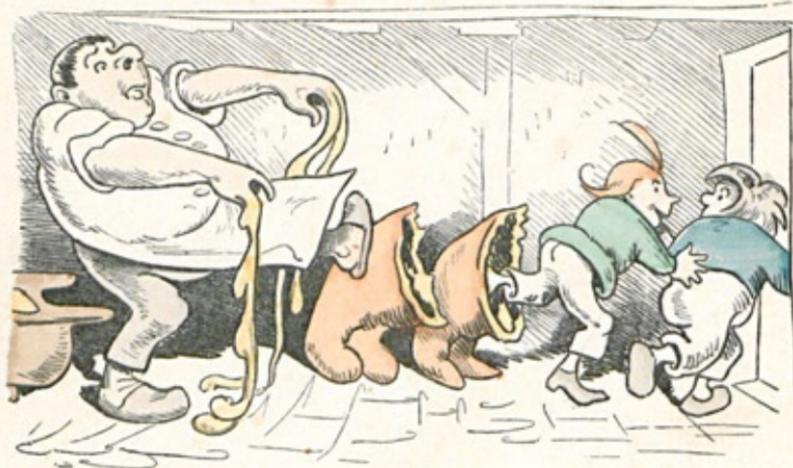
E ahí estão dois pães acabados,  
Cheirosos, louros, tostados.



« Era uma vez! afinal... »  
Dirão todos. — Porém, qual!



Rap... rap... Os dois diabinhos,  
 Como dois ratos damnhinhos,  
 Roem a casca de pão,  
 E safam-se da prisão.



Foi essa a sexta dos dois...  
 Houve outra logo depois:

## Ultima travessura

Ai de ti, ó sucia arteira!  
Vae ser esta a derradeira!



Tambem, porque é que nos saccos  
Foram abrir dois buracos?...



Ahi vem o dono do trigo,  
E leva os saccos consigo.



Porém, mal começa a andar,  
Começa o trigo a escapar...



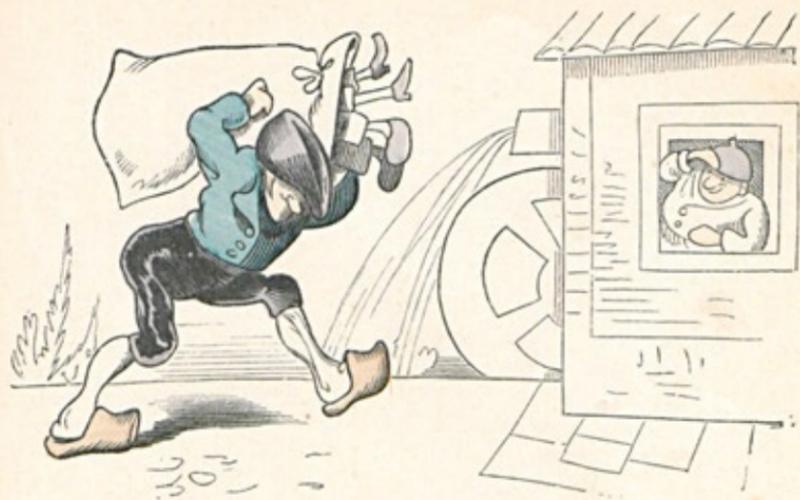
E elle: « Oh diabo! este sacco  
Deve ter algum buraco! »



E volta-se: e num instante  
Apanha os dois em flagrante.



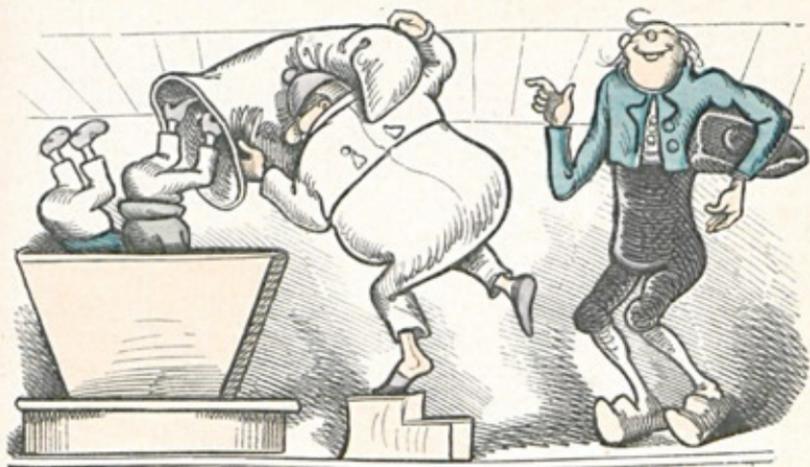
« Olá! que boa colheita!  
Não me escapaes desta feita! »



Lá vão elles, a caminho  
Da morte... isto é: do moinho.



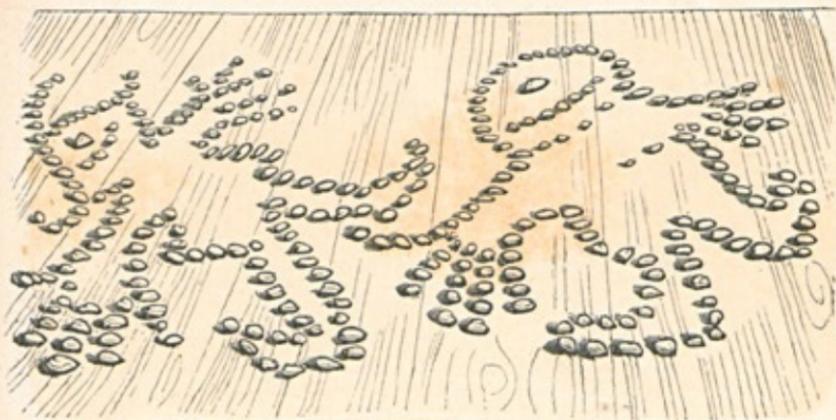
— « Mestre moleiro, bom dia!  
« Trago-lhe a mercadoria  
« Mais cara que ha no mercado!  
« Quero isto já bem passado!



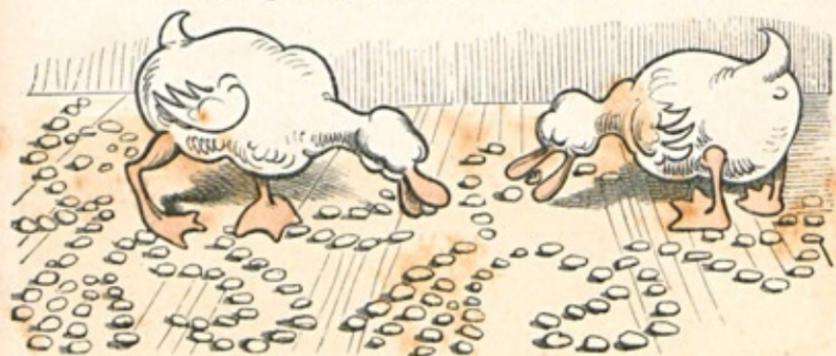
« Quero isto já bem moido! »  
 — « Pois não! já vae ser servido! »



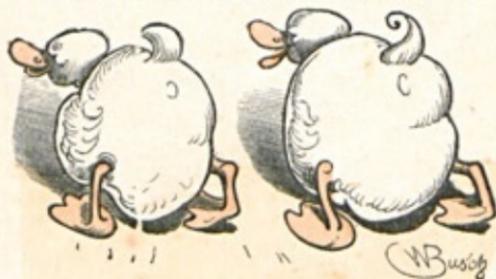
Raque... raque... a trabalhar,  
 Põe-se o moinho a rodar...



E ahí tendes os dois meninos,  
Em grãos tão finos, tão finos,



Que são logo devorados...  
— E os dois gansos esfaimados



Nunca em toda a sua vida  
Viram tão boa comida!

## Conclusão

---

Quando se soube a noticia,  
Não se abalou a policia;  
Ninguem os dois lamentou  
Na villa; ninguem chorou.  
Recordando as suas aves,  
Murmurou a viuva Chaves:  
« Eu logo vi... » — O alfaiate,  
Dando a uma calça o remate  
Suspirou: « Fez-se justiça! »  
— O mestre, adjudando a missa,  
Setenciou: « A maldade  
Não tem o fim da bondade... »  
— O bom tio Frederico  
Disse: « Meu Juca! meu Chico!  
« A vadiação não faz lei...  
« Bem que eu vos aconselhei! »  
— « Bem feito! » disse o padeiro;  
E, indifferente, o moleiro:  
« Eu cá fiz o meu serviço!  
« Não tenho nada com isso... »  
— Em summa, por toda a villa,  
Livre dos dois e tranquillia,  
Reinou a paz afinal...  
Mais nada. Ponto final!

---